



## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: UM OLHAR A PARTIR DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

Thainá Cristina Guedes<sup>1</sup>  
Carolina Schenatto da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo discute como as Epistemologias do Sul (MIGNOLO, 2000; GROSFUGUEL, 2009) podem contribuir para a compreensão da Educação para a Cidadania Global a partir de uma abordagem crítica, situando a promoção e efetivação dessa cidadania no contexto da modernidade/colonialidade. A partir da análise de três experiências latino-americanas, argumenta-se que a noção de “cidadanias globais” é uma alternativa crítica para o conceito a partir dos múltiplos contextos e vivências cidadãs do/no mundo.

**Palavras-chave:** Cidadania Global, Epistemologias do Sul, Educação para a cidadania global crítica, experiências latino-americanas, cidadanias globais.

**Resumen:** Este artículo discute cómo las Epistemologías del Sur (MIGNOLO, 2000; GROSFUGUEL, 2009) pueden contribuir a la comprensión de la Educación para la Ciudadanía Global desde un enfoque crítico, situando la promoción y realización de esta ciudadanía en el contexto de la modernidad/colonialidad. A través del análisis de tres experiencias latinoamericanas, se argumenta que la noción de "ciudadanías globales" es una alternativa crítica al concepto desde diversos contextos y experiencias ciudadanas en el mundo.

**Palabras clave:** Ciudadanía Global, Epistemologías del Sur, Educación para la Ciudadanía Global Crítica, Experiencias Latinoamericanas, Ciudadanías Globales.

## INTRODUÇÃO

No contexto globalizado e neoliberal (IANNI, 1998) que tem agravado as mudanças climáticas, a Educação para a Cidadania Global (ECG) vem ganhando espaço nas discussões de órgãos como a UNESCO na busca da promoção de uma agenda que

---

<sup>1</sup>Mestranda em Educação no PPG Edu da UCS, Bolsista CAPES/PROSUC.

<sup>2</sup>Doutora em Educação. Realiza estágio pós-doutoral com bolsa Doc-Fix FAPERGS-CNPq no PPG Edu da Universidade de Caxias do Sul.

# Revista Gepesvida

atenda as metas estabelecidas para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e uma educação que torne estudantes cidadãos globais responsáveis (UNESCO, 2016). A discussão de uma “cidadania global” e o “sentimento de uma humanidade comum” coloca em cheque a compreensão histórica do que é ser um cidadão do mundo.

É no emaranhado dessa discussão que o presente trabalho se situa, refletindo sobre a ECG em diálogo com as Epistemologias do Sul, a partir de uma abordagem crítica que questiona a condição do ser cidadão do/no Sul-global a partir dos precedentes históricos da modernidade/colonialidade. Esse diálogo é estabelecido nas duas primeiras partes desse artigo, na busca de construir uma discussão histórico-teórica que dialogue com a terceira parte. Nela, são analisadas experiências latino-americanas que representam uma alternativa possível a partir da noção de “cidadanias globais”, como uma contribuição para a compreensão do conceito de ECG crítica e a visão múltipla de cidadania global, a partir dos múltiplos contextos de vivências cidadãs do/no mundo.

## **EPISTEMOLOGIAS DO SUL: UMA ABORDAGEM CRÍTICA**

O termo Epistemologia é composto por *episteme* e *logos* em grego, ou *scientia* e *ratio* em latim, que originam os termos ciência ou conhecimento e razão ou teoria, sendo, portanto, a teoria do conhecimento ou da ciência (PAVIANI, 2013). Essa teoria do conhecimento pode ser abordada ao longo de toda a história humana, porém daremos foco para a era moderna, que vem sendo pautada nos paradigmas eurocêntricos hegemônicos, a partir do ponto de vista universalista e neutro. Para compreendermos como a teoria do conhecimento baseia-se na premissa de que existe apenas uma tradição epistêmica, é necessário analisar de forma crítica o processo da modernidade/colonialidade ao longo dos últimos 500 anos, que se relacionam como “duas faces da mesma moeda” (MIGNOLO, 2000, p. 464).

Enrique Dussel (2005) traz uma crítica à modernidade quando argumenta que o “penso, logo existo” declarado por René Descartes só pode ser concebido a partir do “conquisto, logo existo”. O *Ego conquiro* é a condição para o *Ego cogito*, quando o homem europeu passa a considerar-se o “Centro” e “Fim” da história, representando a própria modernidade. Aqui, a conquista e toda sua brutalidade ganha justificativa a partir da perspectiva da civilização moderna europeia, onde o outro é encoberto como um ser

# Revista Gepesvida

não-civilizado, não-europeu e não-moderno.

Walter Mignolo (2017) contribui com a crítica a modernidade definindo-a como uma narrativa complexa, com origem na Europa, que constrói o ideário de civilização ocidental e celebra as suas conquistas, escondendo o seu lado mais escuro, a colonialidade. Por sua vez, ainda segundo o autor, a colonialidade pode ser compreendida como a herança colonial que sustenta a lógica eurocêntrica e oculta as diversas formas de violência e opressão que estruturam essa narrativa civilizatória. Dessa forma, a colonialidade é constitutiva da modernidade, não existindo indissociavelmente.

Nessa perspectiva a Europa e o homem europeu, branco, cristão e heterossexual não são apenas o centro e fim do mundo, como também são os únicos a terem conhecimento sobre ele, afinal, eles o conquistaram. Grosfoguel (2016) constrói a conexão entre o *Ego conquiro* e o *Ego cogito* a partir do “extermínio, logo existo”, argumentando que

É a lógica conjunta do genocídio/epistemicídio que serve de mediação entre o “conquisto” e o racismo/sexismo epistêmico do “penso” como novo fundamento do conhecimento do mundo moderno e colonial. O *Ego extermino* é a condição sócio-histórica estrutural que faz possível a conexão entre o *Ego conquiro* e o *Ego cogito*. (GROSFOGUEL, 2016, p. 31).

É nesse contexto de genocídio e epistemicídio que as estruturas de poder consolidam um sistema global complexo com desigualdades em níveis globais. Nesse cenário, as Epistemologias do Sul emergem como “perspectivas epistêmicas subalternas que são uma forma de conhecimento que, vindo de baixo, origina uma perspectiva crítica do conhecimento hegemônico nas relações de poder envolvidas” (GROSFOGUEL, 2009, p. 387). São formas de resistência e reinvenção frente às formas dominantes do conhecimento desencadeadas pelo processo de conquista e mantidas pela modernidade/colonialidade. É a partir do lugar dos oprimidos, subalternos e colonizados que Mignolo (2000) caracteriza as epistemologias do Sul como uma crítica à modernidade baseada nas experiências da colonialidade.

Essa perspectiva epistemológica situa o lugar de fala do/no Sul-Global, um lugar determinado e situado como não-pensante, que assume o ponto de partida de uma crítica radical e transforma a tradição epistêmica universal e neutra a partir da racionalidade não-eurocêntrica das subjetividades subalternas (GROSFOGUEL, 2009). Quando se quebra a lógica do privilégio epistêmico é possível dar visibilidade para as múltiplas culturas,

# Revista Gepesvida

saberes e vivências que resistiram ao longo dos anos e buscam por uma alternativa de cidadania mais justa dentro do mundo globalizado carregado de heranças coloniais.

## EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL: O QUE HÁ DE “CRÍTICO”?

A educação para a cidadania global vem ganhando força nos últimos 30 anos no cenário mundial<sup>3</sup>, com especial participação da UNESCO que vem protagonizando o papel central de promoção da ECG, produzindo conhecimento e documentos essenciais para a sua compreensão, e é a partir dessas ações que contextualizamos a Educação para a cidadania global nesse trabalho.

A primeira vez que o termo “cidadania global” apareceu explicitamente nos marcos e declarações foi em 2012, com a Iniciativa Global Educação em Primeiro Lugar (GEFI, sigla em inglês), lançada pelo Dr. Soo-Hyang Choi, secretário-geral da ONU. Foram estabelecidos três princípios básicos para o modelo de desenvolvimento idealizado, sendo eles: toda criança estar na escola, melhorar a qualidade da aprendizagem e promover a cidadania global. Dessa forma, a Iniciativa incrementava os marcos anteriores estabelecidos pela Educação para Todos, reiterando o acesso e a qualidade da educação, e incluindo a prioridade da educação para a cidadania global. Assim, nesse momento a educação passou a ter uma visibilidade para além da aprendizagem, contribuindo também para o bem-estar da humanidade e da comunidade global (TORRES, 2023).

Ao longo dos anos seguintes foram ocorrendo outros encontros e novos marcos foram estabelecidos. Destacamos aqui o ano de 2013, com dois eventos marcantes promovidos pela UNESCO, sendo eles a Consultoria Técnica da UNESNO sobre Educação para a Cidadania Global, que ocorreu em Seul, e o Primeiro Fórum da UNESCO sobre Educação para a Cidadania Global, em Bangkok. Em 2015 a República da Coreia, figura importantíssima para o movimento da ECG, sediou o Fórum Mundial de Educação estabelecendo o marco *Educação 2030: Declaração de Incheon e Marco de*

---

<sup>3</sup> Carlos Alberto Torres (2023) contextualiza as primeiras ações para a ECG a partir de 1990 com a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada na Tailândia. O encontro resultou na *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* e o *Marco da Ação para a Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem*. Em 2000 ocorreu o Fórum Mundial de Educação, no Senegal, que estabeleceu o *Marco de Ação de Dakar, Educação para Todos: Cumprindo Nossos Compromissos Coletivos*.

# Revista Gepesvida

Ação, que trouxe à tona questões ainda não discutidas, como a disparidade de gênero e as habilidades socioemocionais. Ainda em 2015, ocorreu a Conferência Mundial sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável da UNESCO no Japão, que lançou a *Declaração de Aichi-Nagoya sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável*, estabelecendo os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) e uma agenda de desenvolvimento pós-2015, intrinsicamente relacionados a Educação para a cidadania global.

É possível visitar o site da UNESCO que direciona para a Educação para a cidadania global no Brasil<sup>4</sup>, no qual constam documentos orientadores como: Educação para a Cidadania Global: preparando alunos para os desafios do século XXI (2015), um relatório que “potencializa o entendimento em torno da ECG e suas implicações para o conteúdo, a pedagogia e a prática educacionais” (UNESCO, 2015, p. 8) e; Educação para a Cidadania Global: tópicos e objetivos de aprendizagem (2016), que traz uma definição de cidadania global que pode ser entendida como sendo o “sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, econômica, social e cultural entre os níveis local, nacional e global” (UNESCO, 2016, p. 11).

Ambos os documentos tratam sobre a compreensão, as dimensões e sugestões de implementação da ECG, além de trazer para o centro da discussão a noção de cidadania que

Foi ampliada como um conceito de múltiplas perspectivas. Está vinculada a uma crescente interdependência e interconectividade entre países nas áreas econômica, cultural e social, por meio de maior comércio internacional, migração, comunicação etc. Essa noção está vinculada também a nossas preocupações com o bem-estar global além das fronteiras nacionais, assim como baseia-se no entendimento de que o bem-estar global influencia o bem-estar nacional e local. (UNESCO, 2015, p. 14)

A partir dessas múltiplas perspectivas, a ECG apresenta-se como um compromisso ético-político-pedagógico, que carrega no cotidiano das ações educativas e das relações sociais a potencialidade de capacitar os estudantes a compreender criticamente a interdependência e interconectividade do mundo, com conhecimentos, aptidões, valores e atitudes que almejam pela justiça social, a solidariedade, os direitos humanos e a paz (STRECK e ABBA, 2023; TORRES, 2023). É a partir dessa perspectiva

---

<sup>4</sup> Veja <https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasil/expertise/global-citizenship>

# Revista Gepesvida

que situamos o que há de crítico na ECG, quando sua base de formulação necessita ser baseada na busca pela justiça social, compreendendo que dentro do mundo globalizado existem diversas formas de cidadania que, em sua maioria, sofrem com as injustiças da desigualdade, da opressão e do silenciamento, desencadeados ao longo dos últimos 500 anos no contexto da modernidade/colonialidade.

Vanessa Andreotti (2014) contribui com a discussão quando situa o termo cidadão a partir do ponto de vista político, apresentando a noção de uma “obrigação política” da ECG baseada na promoção da justiça, sem cair na justificativa vazia da reprodução de uma “missão civilizatória”, cujas crenças e mitos muito se assemelham ao processo de conquista. Para a autora, a ECG precisa articular a compreensão das origens das relações de poder, das desigualdades e injustiças, com a consciência de que existem diversos outros contextos além do que é visto ou conhecido. A construção da consciência crítica para analisar e pensar soluções outras para situações diversas, fugindo da neutralidade e universalização do mundo e do cidadão.

Assim, compreendendo que a Educação para a cidadania global é uma intervenção em busca de uma teoria (TORRES, 2023), nos questionamos como promover a ECG, respeitando suas múltiplas facetas, a partir da busca da justiça social, no contexto de mundo globalizado, neoliberal e carregado de heranças coloniais?

## **(RE)PENSANDO PRÁTICAS E CONTEXTUALIZANDO CONCEITOS: A ECG VIVIDA DESDE O SUL**

Nessa etapa do trabalho trataremos para a discussão a análise de experiências latino-americanas em busca de contribuir para a compreensão de práticas locais do Sul-global como promoção da Educação para a cidadania global crítica, dialogando com as Epistemologias do Sul e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

As duas primeiras experiências apresentadas são ações realizadas pela Campanha Latino-americana pelo Direito à Educação - CLADE<sup>5</sup>, uma rede plural de organizações da sociedade civil, com articulação em 18 países da América Latina e

---

<sup>5</sup> Veja <https://redclade.org/que-es/>

# Revista Gepesvida

Caribe, com o objetivo da promoção de uma educação transformadora, pública, laica e gratuita para todos/as, a partir da mobilização social e política. A CLADE ao longo dos seus 20 anos, vem promovendo e sistematizando ações em diferentes regiões sobre diversas temáticas que dialogam com as questões globais.

A primeira experiência trazida para a análise é o *Podcast Educación ¿qué onda?*, uma produção de áudio publicada no site da Campanha que aborda diversas temáticas sobre a educação no contexto latino-americano e seus desafios. O podcast relaciona-se com o ODS 4 – Educação de qualidade e como ECG crítica quando analisamos a produção de áudio a partir da perspectiva da democratização do conhecimento e acesso à informação, pois a) é uma forma de comunicação de fácil acesso e que qualquer cidadão pode consumir - desde que se tenha um dispositivo com internet; b) a linguagem escolhida poder alcançar diferentes públicos. Além de discutir os desafios enfrentados no contexto do Sul-global, o podcast traz um panorama/raio-x da América Latina ao contar com convidados de diferentes países para abordar o direito à educação e partilhar boas práticas e experiências que funcionam em diferentes partes do continente.

A segunda experiência analisada e promovida pela CLADE é o Projeto “Estratégias para prevenir a violência sexual e de gênero e fomentar a equidade nas escolas rurais” desenvolvido por equipes regionais da CLADE na Nicarágua, Haiti e Honduras”<sup>6</sup> a partir do processo de investigação-ação participativa com as comunidades escolares. Podemos relacionar o Projeto com o ODS 4, pois este busca promover a partir da educação os direitos humanos e uma cultura de paz. O Projeto trata de situações específicas dentro dos contextos rurais de cada um dos países que desenvolveram a investigação, porém a não violência de gênero marca a perspectiva que trata e reflete sobre uma necessidade da comunidade global, vinculando-se também ao ODS 5 – Igualdade de gênero, a partir da prevenção e de práticas educativas que revelam situações de violência que até então não eram vistas e/ou ouvidas.

O Projeto nos ajuda a pensar a ECG crítica a partir da perspectiva da discussão de gênero dentro do contexto local e do global, enquanto compartilha de experiências e conhecimentos aprendidos com, desde e para essas comunidades educativas mostram que é possível a promoção de discussões sobre a temática em qualquer contexto

---

<sup>6</sup>Veja [https://redclade.org/wp-content/uploads/documento-trabajo-sistematizacion-de-prevencion-violencia-genero\\_final.pdf](https://redclade.org/wp-content/uploads/documento-trabajo-sistematizacion-de-prevencion-violencia-genero_final.pdf)

# Revista Gepesvida

educativodesde que a partir do lugar situado. A discussão possibilita a tomada de decisões comunitárias ou institucionais em prol dos direitos humanos de meninas, meninos e adolescentes a partir de situações reais de cada comunidade, mas dentro de um contexto macro que é a igualdade de gênero. Aqui a investigação-ação participativa proposta promove a mobilização do coletivo escolar desde os alunos, aos pais e professores dando voz a opressão de gênero e contextualizando essas vivências a partir de suas múltiplas variações, ao mesmo tempo que revela suas imbricações históricas e globais. Ao abordar a temática nos espaços educacionais rurais, o Projeto promove uma educação para cidadãos globais críticos frente aos desafios de gênero, conscientes de sua potencialidade para mudar suas relações.

A terceira e última experiência que trazemos para a análise é o Centro de Educação Popular e Formação Social – CEPFS<sup>7</sup>, uma organização focada no desenvolvimento sustentável do Sertão brasileiro por meio da Educação Popular. O Centro atua por meio de dois eixos: Meio ambiente e desenvolvimento sustentável e o Fortalecimento e desenvolvimento comunitário. Podemos relacionar o CEPFS com dois ODS, primeiramente o número 4, já que os programas de formação, capacitação e alfabetização estão relacionados com a educação de qualidade e, em especial, com a formação de cidadãos globais. A visão holística que a Educação Popular traz para o Centro permite aos programas desenvolvidos educar no sentido amplo, com a natureza e com o próximo, desenvolvendo estratégias e projetos que permitem aos sujeitos compreenderem as relações entre “social” e “ambiental”. O eixo 1 dialoga diretamente com o ODS número 13, pois trata de promover práticas sustentáveis, como agricultura orgânica e conservação de recursos naturais, para ajudar a combater a mudança climática.

O CEPFS nos ajuda a pensar a ECG crítica a partir de sua relação entre o local e global, sendo um trabalho realizado com comunidades do Sertão, enraizadas nesse contexto e com suas necessidades e desafios específicos, mas que trabalham a partir de temas macro, como a sustentabilidade, que não diz respeito apenas ao contexto local. Os programas permitem o desenvolvimento da compreensão ampliada e permitem desenvolver e aplicar localmente estratégias para a promoção da justiça socioambiental. A compreensão crítica da realidade também é promovida a partir de atividades formativas

---

<sup>7</sup> Veja <https://cepfs.org.br/institucional/>

# Revista Gepesvida

e projetos desenvolvimentos dentro da perspectiva da Educação Popular, que visa criar cidadãos críticos e participativos, capazes de trabalhar coletivamente para compreender e transformar a realidade. Essa transformação não é focada no pessoal e nem uma melhoria imediata, mas sim em uma mudança coletiva e de longo prazo. Por fim, a diversidade cultural e a conscientização ambiental são trabalhadas na prática, com propostas que são desenvolvidas de forma contextualizada, ao seja, ao tratar de questões ambientais a dimensão (inter)cultural é levada em consideração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação para a Cidadania Global vem sendo discutida em diferentes cenários e ganhando diversas definições ao longo dos últimos 30 anos. Andreotti (2014) nos ajuda a refletir quando apresenta que uma das grandes questões que a ECG precisa dar conta é de “como lidar com as raízes econômicas e culturais das desigualdades no poder e na distribuição de riqueza/trabalho num sistema global complexo e incerto” (ANDREOTTI, 2014, p. 58). A discussão histórico-teórica e as experiências analisadas ao longo desse trabalho buscam contribuir com essa questão, apresentando uma alternativa para os múltiplos conflitos do cenário global a partir de contextos e desafios locais, que desenvolvem ações e intervenções em diálogo com os contextos macro e conflitos globais.

Quando situada a partir das Epistemologias do Sul, a ECG crítica ganha uma nova perspectiva sobre o que é ser um cidadão do/no Sul-global e como esse cidadão se relaciona com as desigualdades e as injustiças históricas dessa parte do mundo. Mas para além de suas resistências, as experiências ético-político-pedagógicas aqui analisadas contribuem para a reinvenção do conceito de cidadania, apresentando a alternativa de novas expressões de “cidadanias globais”, que não podem mais ser universalizadas ou compreendidas dentro de uma única definição possível.

As ações apresentadas pensam o local e suas particularidades histórico-sociais em diálogo com as intervenções possíveis a nível global, em busca de uma Educação para a Cidadania Global crítica que promova a justiça social e contribua para a aprendizagem de cidadãos críticos, conscientes e capazes de construir alternativas diversas dentro de seus contextos diversos, em busca do bem coletivo e desse sentimento de “humanidade comum”.

# Revista Gepesvida

## REFERÊNCIAS

- ANDREOTTI, Vanessa. Educação para a cidadania global – Soft vsCritical. *Sinergias – Diálogos Educativos para a Transformação Social*. n.1, p. 57-66, 2014. Disponível em: <<https://www.cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/2018/10/Revista-Sinergias-01.pdf#page=57>>. Acesso em: 10 set. 2023.
- DUSSEL, Enrique. *1492 O encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (coord.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 25-34.
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, p. 25-49. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>> Acesso em: 10 set. 2023.
- GROSGOUEL, Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 383-418.
- IANNI, Octávio. Globalização e neoliberalismo. *São Paulo em Perspectiva*, v.12, n.2, 1998. Disponível em: <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/sp/v12n02/v12n02\\_03.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/sp/v12n02/v12n02_03.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2023.
- MIGNOLO, Walter. COLONIALIDADE: o LADO ESCURO DA MODERNIDADE. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 2017, n. 94. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329402/2017>> Acesso em: 10 set. 2023.
- MIGNOLO, Walter. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- PAVIANI, Jayme. *Epistemologia Prática*. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.
- STRECK, Danilo Romeu, ABBA, Maria Julieta. Apresentação. In: TORRES, Carlos Alberto. *Fundamentos Teóricos e Empíricos da Educação para a cidadania global crítica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2023. p. 9-11.
- TORRES, Carlos Alberto. *Fundamentos Teóricos e Empíricos da Educação para a cidadania global crítica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2023.
- UNESCO. *Educação para a Cidadania Global: preparando alunos para os desafios do século XXI*. Brasília, 2015.
- UNESCO. *Educação para a Cidadania Global: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília, 2016.